

LUTUIMA

De

Fábio Augusto de Carvalho

(Fábio Kintosh)

2022

0

PERSONAGENS

LUTUIMA: 18 anos, estudante, a primeira e única filha de seus pais, conversadora.

MÃE: 42 anos, esposa, mãe de Lutuima. Aberta, compreensível, religiosa. Recém diagnosticada com pressão arterial alta e transtorno de ansiedade.

PAI: 44 anos, chefe da família, esposo, pai da Lutuima e tio da Lukénia. Agente da Polícia. Conservador e tão preocupado com o trabalho que ignora as *coisas pequenas*.

LUKÉNIA: 19 anos, prima da Lutuima, confinada com eles por efeito da declaração do estado de emergência e as novas restrições da COVID-19. Desinibida e elegante.

ÉPOCA: A primeira semana de Abril de 2020. Vigora o estado de emergência.

LUGAR DA CENA: O interior de uma casa num bairro periférico de Luanda

PRIMEIRO ACTO

Noite. Sala de jantar. Há uma mesa rectangular, com cinco cadeiras, cuja cabeceira está virada directamente para o palco.

CENA 1

Lutuima e Lukénia terminam de pôr a mesa. Sentam-se à mesa rectangular, uma ao lado da outra. Lukénia traja um calção masculino e uma t-shirt da selecção nacional.

LUTUIMA (*desdenhosa*) — Parece que sabes fritar batatas!

LUKÉNIA — Você pensa que eu sou quem afinal?

LUTUIMA — Anteontem deixaste o leite transbordar!

LUKÉNIA — O que isso tem a ver com saber fritar batatas?

LUTUIMA — Diz muita coisa, na verdade, mostra a tua *inabilidade* de ser uma boa cozinheira.

LUKÉNIA (*Olhando para ela*) — Lutuima, pára de me perseguir! Não és nenhuma deusa da cozinha.

LUTUIMA — Mesmo assim, cozinho melhor que tu.

LUKÉNIA — Ganhas o quê com isso? Ainda não percebeste que vamos todos morrer?

A mãe entra vindo do quarto. Senta-se no lado oposto ao delas.

CENA 2

MÃE — Tudo certo? (*Inspecciona a mesa*) Lukénia, teu pai não gosta deste garfo. (*Troca o garfo pelo dela, e se senta*)

LUKÉNIA — (*Reclama*) E a Lutuima nem diz nada!

LUTUIMA (*impaciente, ignorando Lukénia, tenta tirar uma batata na tigela.*) — Podemos comer?

MÃE (*chateada, dá uma palmada na mão de Lukénia*) — Não seja mal-educada! Vamos esperar o vosso pai.

LUKÉNIA (*Sorrindo*) — Essa criança está muito impaciente hoje, tia. Até mesmo com o calor! Hoje ela tomou banho umas cinco vezes. (*Levanta a mão mostrando os dedos*)

MÃE (*chateada, olhando para Lutuima*) — Acarretaste mais água? (*Lutuima abaixa a cabeça*). Você quer me desgraçar Lutuima? Você quer me matar de estresse? Água tá difícil e você banha cinco vezes, que tipo de sujidade é essa que não sai com dois banhos?

LUTUIMA — Mãe por favor, temos visita!

MÃE — Qual visita? Lukénia não é visita, e pára de se justificar menina. (*aponta o dedo para Lutuima*) Pára mesmo já!

LUKÉNIA (*Puxa o telemóvel do bolso*) — Não sou visita, Lu. Sou tua prima, ou melhor, *irmã mais velha*.

MÃE — Amanhã bem cedo vocês vão acarretar o dobro de baldes de água.

LUKÉNIA — Tia, por favor, não aguento levar muito peso, posso ter giba!

LUTUIMA (*sorrindo*) — Qual giba? Isso mas é medo de partir as unhas. Isso sim! Giba, giba.

MÃE — Não vais ter giba. Essa tua preguiça Lukénia! Queira Deus que teu marido seja rico. Porque senão... vais rir minha filha, vais rir!

LUTUIMA — Ela só fica preguiçosa cá em casa. Lá no Huambo a tia Guilhermina lhe educa bem.

MÃE — A culpa é do teu pai que te mima quando estás aqui. Mas não quero saber...quero ver todos os recipientes cheios amanhã, ou vão dormir fora de casa! Já avisei. (*Ameaça*)

LUTUIMA — Mãe, não podemos levar mais água do que precisamos para um dia, porque assim dificulta os outros.

LUKÉNIA (*Pára de mexer no telemóvel*) — É verdade tia, apesar de não querer, eu concordo com a Lutuima. Isso é egoísta e desequilibra o sistema.

MÃE — Sistema? Qual sistema? Quero *todos os baldes* cheios, não vou repetir! Não sei como vocês vão fazer, amanhã quando o carro de água chegar, se todos os baldes não estiverem cheios, minhas irmãs, podem ir procurar onde vão passar a noite!

LUTUIMA — Assim o sistema de distribuição de água fica desequilibrado. É o que os moços das cisternas dizem, eles controlam o número de baldes para cada família!

LUKÉNIA (*devolve o telemóvel ao bolso*) — Realmente, se bem que, se não banhasses *tantas vezes*, essa conversa não existiria.

LUTUIMA (*Séria*) — A conversa não existiria se fechasses a boca, Lukénia. Quando é que vais embora?

MÃE (*Desapontada*) — LUTUIMA, tens o quê na cabeça hoje? Qual é o teu problema?

LUTUIMA (*sorrindo de constrangimento*) — Estava a brincar! (*Passa a mão nas costas da Lukénia*)

MÃE (*Olhando para a Lukénia*) — Essa brincadeira não teve graça.

LUKÉNIA — Vou embora quando o governo levantar a cerca sanitária, vim comprar negócio, não vim acabar a tua água, *nossa senhora dos banhos!*

LUTUIMA — Espero que a cerca seja levantada o mais breve possível.

MÃE — Não é brincadeira. Não estou a trabalhar, vocês sabem muito bem, não brinquem com as coisas. É saber poupar, (*em tom de aviso*) vocês não fazem brincadeira!

LUTUIMA — Mãe, vamos acarretar mais água amanhã. Se possível vamos discutir com o moço da cisterna ou alguma coisa assim... Já passou! Amanhã vamos encher os baldes, os vasos, as panelas, os copos... Tudo. Não nos faltará água, amanhã a casa estará inundada. (*Brinca*)

MÃE (*Irritada*) — Você pensa que é brincadeira, não é?

LUTUIMA — Mãe, se acalma!

LUKÉNIA — O estresse tia, a pressão pode subir novamente!

MÃE (*Lamurienta*) — As coisas estão difíceis, porquê gastar água nas brincadeiras, filha? As coisas estão difíceis! Se as coisas piorarem não sei quem vai nos acudir, na vossa conta!

LUTUIMA (*Triste, mas sincera*) — Me desculpa mãe, não volta a acontecer!

MÃE — *Cinco banhos!* Porquê? Cinco banhos porquê Lutuima!

LUTUIMA — Não me sentia limpa!

MÃE (*chateada*) — Mas não te sentias limpa *como?* Mesmo no segundo banho não te sentiste limpa? (*Lutuima fica calada durante uns segundos*) Me responde... Os dois banhos diários não te deixariam limpa?

LUTUIMA — Mãe, eu já disse que vou acarretar mais água amanhã! Não precisa fazer um escândalo, não me senti limpa no segundo, no terceiro nem no quarto banho... não me sentia limpa, mãe! Por favor, podes parar de gritar?

MÃE (*com a voz alterada*) — Não me manda parar de falar Lutuima! Que tipo de sujidade requer *cinco banhos*? Quando é que você vai perceber que o mercado pode não abrir mais? Vais perceber que as coisas estão difíceis quando? Cinco banhos Lutuima, pelo amor de Deus! Não me desgraça!

LUTUIMA (*Séria*) — Mãe, me perdoa! Em nome do teu deus (*aponta para o colar dela*), por favor me perdoa pela água. Mas eu *realmente* não me sentia limpa!

LUKÉNIA (*imitando a MÃE*) — Que tipo de sujidade requer *cinco banhos*? (*Lutuima simplesmente ignora o comentário*)

MÃE (*Mais calma*) — Lutuima, já és crescida, sabes das dificuldades que estamos a passar! Não começa a inventar moda!

LUTUIMA — Eu sei mãe! Agora chega, por favor!

LUKÉNIA (*Gozando*) — Que tipo de sujidade requer cinco banhos?

LUTUIMA (*Completamente passada*) — Sujidade menstrual, Lukénia! *Sujidade menstrual*. Acontece com as mulheres, todos os meses. Mas você não vai entender, só acontece coma as *mulheres*. (*Olha para as vestes dela*)

Silêncio total durante uns trinta segundos.

LUKÉNIA — (*arrependada*) Me desculpa, não sabia que estavas menstruada!

MÃE (*confusa*) — Lutuima, você, mas você...por que você não falou comigo, filha?

LUTUIMA — O que é que eu diria? Que não consegui comprar absorvente? Que não há absorventes no distrito todo? E que o mercado está fechado?

MÃE (*Lamurienta, balança a cabeça*) — Sim! No mínimo!

LUTUIMA — Porquê?

MÃE — Como assim *porquê*...eu sou tua mãe, Lutuima.

LUTUIMA — E como a mãe resolveria o problema? Temos absorventes de reserva? Não estamos a *passar dificuldades*? Ou eu deveria *inventar* mais uma moda?

MÃE (*em tom repreensivo*) — Lutuima! (*apologética*) Tudo bem, eu poderia não resolver, mas... eu sou *tua mãe* Lutuima! (*Bate na mesa*)

LUKÉNIA — Tia, fica calma! O estresse, a pressão!

LUTUIMA (*Suspira*) — Mãe, já não tenho 15 anos!

MÃE (*Lamurienta*) — Não é a pandemia que vai nos matar, são as consequências dela.

LUKÉNIA — Tenho dois absorventes na minha mala. Se me tivesses dito...

LUTUIMA (*interrompe de modo grosseiro*) — Não preciso dos teus absorventes!

MÃE — A Lukénia só quer te ajudar, nós não temos culpa se...(pondera) Desculpa. (*Arrepende-se do que ia dizer*)

LUTUIMA — Pode terminar mãe, não têm culpa que o meu período apareceu? (*Sorri irónica*) Ele tinha que esperar as condições melhorarem? O ciclo tinha que parar por um tempo? Este mês eu não devia menstruar, esse mês eu não deveria menstruar, é isso?

MÃE — Me desculpa filha! Tens todo o direito de menstruar. Mas se dissesse que estavas de menstruação, eu não faria caso com a água! Daríamos um jeito.

LUTUIMA — Um *jeito*? Como? Papel higiénico? Pedacos de tecido? Fraldas descartáveis? Jornal? Miolo de pão? Qual jeito mãe?

LUKÉNIA (*Dá uma cotovelada leve à Lutuima*) — Lutuima.

MÃE — Lutuima, não é tão mau assim usar tecido.

LUTUIMA — Mãe!

MÃE (*Levanta ligeiramente a voz*) — É o que sempre usamos! Achas que as mulheres da minha época tinham essas modernices de absorventes? Me diz ainda, com qual dinheiro foste procurar absorvente? Mexeste na reserva, eu sabia. Tás aqui cheia de boca, toda respondona, nem dinheiro para o tal absorvente tens!...e saiba já que esses absorventes nem é tão bons para o meio ambiente.

LUTUIMA — Mãe por favor, vou usar os absorventes da Lukénia. Está tudo bem!

MÃE — Vais usar dois absorventes durante quatro dias? Queres morrer de infecção?

LUTUIMA — Usar tecido mãe, é mais difícil. É preciso pegar e lavar bem, pegar o absorvente de pano...pegar no sangue!... Lavar com *bastante água* e engomar, senão também causa infecção! É mais fácil usar absorvente *moderno*. É mais *saudável*.

MÃE — É mais caro, mais difícil de conseguir! Não queres pensar nas despesas, só no teu absorvente de luxo!

LUKÉNIA — Tia, vamos falar com o tio.

LUTUIMA — Não adianta.

MÃE (*Suspiro*) — Falem. Falem com ele mesmo. Estou sem dinheiro. Falem com ele, é vosso pai, vão em frente, sejam firmes.

LUTUIMA (*Balança a cabeça em negação*) — Isso não vai dar certo.

MÃE — Mas porquê que não me contaste que...

LUTUIMA — Mãe.... já sou adulta.

MÃE — És minha filha, vives na minha casa. Ainda estás na minha responsabilidade. Tenho o direito de... (*repensa*) perdoa a tua mãe, filha! (*Olha atentamente para Lutuima*) Perdoa a mamã.

LUTUIMA — Tá bom mãe! Eu perdoo a senhora. Podemos comer?

LUKÉNIA — Se eu soubesse o que se passava, nem mencionava os banhos. Me desculpa!

Lutuima olha para Lukénia. Incrédula.

MÃE (*decidida*) — Vamos comer crianças! Vosso pai deve ter testado positivo.

Começam a servir-se.

LUTUIMA (*aliviada*) — Louvado seja o deus dos alimentos!

MÃE (*em aviso*) — O molho não é para vocês!

LUTUIMA (*aproveitando o momento de paz da mãe*) — Posso acrescentar sal na batata?

LUKÉNIA e **MÃE** (*alto*) — NÃO!

LUKÉNIA (*Justificando-se*) — Preciso manter o meu corpo de miss.

LUTUIMA (*Sarcástica*) — Corpo de miss ou de atleta?

MÃE — A Lutuima sabe muito bem que não deve acrescentar sal nenhum. Ninguém vai acrescentar sal na comida... está a faltar água nesta mesa. (*Se levanta*). Comer em silêncio. (*Avisa*)

LUTUIMA — Para isso acontecer precisamos costurar os lábios da Lukénia.

CENA 3

LUKÉNIA — Depois te dou os absorventes.

LUTUIMA (*Aborrecida, se dirigindo ao lugar vazio da mãe*) — Eu disse mãe, ela não consegue calar...
(*Se vira para a Lukénia*) Eu já disse que não preciso. Não prec...

LUKÉNIA (*Interrompendo, mais séria*) — Cala essa boca, Lutuima! Precisas sim, e vais usar! Acabaste de admitir que vais usar. Olha pra tua cara! Ficas aliviada só de ouvir a palavra absorvente. E além disso precisamos de água para viver, não vamos te deixar acabar a água...vais usar os absorventes!

LUTUIMA (*Envergonhada*). — Obrigada.

LUKÉNIA — Não deves sentir-te suja ou imunda quando menstruas, é normal menstruar!

LUTUIMA — Dizes isso porque estás limpa!

LUKÉNIA — Nãos estás suja, estás de menstruação. *É normal menstruar* Lutuima!

LUTUIMA — Normal seria termos uma lei contra a escassez de absorventes. Normal seria ter fácil acesso aos absorventes. Isso sim, serial normal.

LUKÉNIA — Ou uma lei que baixasse o preço! Seria muito bom... Mas fala com o tio. Ele pode andar por aí, fica mais fácil procurar absorvente noutro distrito, ou no centro da cidade!

LUTUIMA — Não vou fazer isso, nem louca! O pai nunca se mete nessas coisas.

LUKÉNIA — Que coisas?

LUTUIMA — Essas *coisas das mulheres* conforme ele diz. Para ele são coisas sem muita importância.

LUKÉNIA — E você o deixa tratar a menstruação deste jeito? Como coisa sem importância?

LUTUIMA — Teu tio é medieval, Lukénia! Já não tem conserto.

A mãe volta a entrar, a jarra com água em mãos.

CENA 4

MÃE — Vocês não conseguem comer em silêncio?

LUKÉNIA — A Lutuima sente-se imunda por estar menstruada.

LUTUIMA — Eu não disse isso!

MÃE (*Senta-se*) — Não debes sentir-te suja, desde os treze anos sabes que *é normal menstruar*.

LUKÉNIA (*Estala os dedos*) — Foi exactamente o que eu disse, tia. Ela disse que não se sentia limpa, ou não? (*Olha ara ela de modo acusador*)

MÃE — Eu também ouvi!

LUTUIMA — Como não me sentir suja sem poder controlar o fluxo, mãe? (*olha para mãe, ela não responde*) Como? Imagina se a escola não estivesse fechada? Imagina se eu tivesse que ir trabalhar no salão de beleza? Ficar a maior parte do dia em pé, ao lado de várias clientes? (*Recorre à ironia*) Imagina se tivesse que andar uma longa distância! Ou então se eu tivesse que ir tratar um documento...ficar na fila que nunca anda...ou então se eu fosse uma atleta e tivesse uma competição importante...e se eu tivesse que entrar numa piscina? Ou então...

MÃE — (*Interrompe*) Lutuima, chega. Não vou perguntar como fizeste para absorver o sangue. Não quero ser intrometida. Mas se quiseses conversar, estou aqui minha filha, fala pra tua mãe. As mães sabem ajudar.

LUTUIMA — Mãe, não, por favor!

O pai entra. Pára na cabeceira da mesa, em pé. Usando seu uniforme de polícia.

CENA 5

PAI (*Remove a máscara*) — Boa noite, desculpem o atraso. (*Justifica-se, sério*). Interpelamos um bando de jovens que não usava máscaras e em vez de se mostrarem obedientes, acharam que tinham toda a razão do mundo e ainda disseram que o vírus não existe. Tivemos que ensiná-los uma lição!... Agora eles vão usar máscara, mesmo quando tudo isso passar, *eles vão usar máscara*, e como vão! Nunca vão se esquecer desta noite!

LUKÉNIA — A polícia ainda usa métodos heterodoxos, tio?

PAI — Só como último recurso, filha.

MÃE (*sorrindo*) — A água está preparada.

PAI — Vou banhar bem rápido. Não acabem a comida!

LUKÉNIA — Há comida pra todos, tio!

O pai sai.

CENA 6

LUKÉLIA (*dirigindo-se à Lutuima*) — Fala com o tio para procurar absorvente na cidade. Talvez tenha!

LUTUIMA — Pensei que me darias os absorventes!

LUKÉLIA — E quando o meu período aparecer? Espera um pouco, menina! Não pensas em devolver os meus absorventes? Nem dinheiro pensas em me dar em troca?

LUTUIMA — Esse amor ao dinheiro é o que vai te matar, Lukénia!

LUKÉLIA — Seria uma honra. Sou comerciante, Lutuima! Dinheiro me move. Estou quase a abrir minha cantina, e vou mudar meu nome para Mamadou Khalifa! (*desenha no ar um letreiro imaginário*)

MÃE — Vamos acabar com as discussões. Amanhã eu procuro absorvente. Vou ter que mexer no dinheiro da comida. Não tem jeito!

LUTUIMA — Mãe eu procurei. Não há nada, nadinha. E a polícia não está pra brincadeiras. O filho da tia Minga foi levado à esquadra.

MÃE (*admirada*) — É por isso que os irmãos dele estavam a chorar?

LUTUIMA — Sim! Manucho discutiu com um polícia, quase o levaram também!

MÃE (séria) — Lhe merece. Anda à-toa aquele miúdo, nem parece é aleijado!

LUKÉLIA (*surpresa*) — Tia!

MÃE — É verdade! Os irmãos dele que não são deficientes físicos nem deambulam como ele! Tem rodas nos pés, o Kalunga.

LUTIMA — Ele não gosta de ficar parado. Ficar em casa lhe faz confusão.

LUKÉLIA — Na rua de trás também levaram um moço. Estava na rua sem máscara. Pediram-lhe para entrar, começou a refilar e discutir com um dos agentes da polícia. Lhe deram com um porrete das costas, começou a se esticar, o outro agente deu-lhe duas galhetas, ele caiu e o agente começou a lhe pisar no pescoço... alguns vizinhos saíram a gritar.... *éeeeeee vai matar, vai matar, vai matar...* o moço foi colocado na moto, no meio dos dois agentes e foram.

O pai entra, vestindo um calção e uma t-shirt, se senta na cabeceira. Encara o público.

CENA 7

PAI — Qual é o assunto?

MÃE — Erhêe, já banhaste?

PAI — Estou com muita fome!... Qual é o assunto?

LUTUIMA — Nada de especial!

LUKÉNIA — Lutuima é o assunto de hoje.

LUTUIMA (*Dá uma cotovelada na prima que resmunga de dor*) — Estávamos a falar do filho da tia Minga que foi levado à esquadra.

PAI — O Tobias ou o Manucho? (*Sorri*) Aqueles malandrinhos! Se passarem a noite na cela melhor, pra aprenderem! Pra saberem que com a polícia não se brinca! O país precisa de ordem.

MÃE — Não foi o Tobias.

LUTUIMA — Nem o Manucho!

PAI (*Confuso*) — Levaram o Kalunga? O aleijado?... Meu Deus do céu! (*Admirado*) E a vizinha Domingas estava aonde?

MÃE — Não se sabe!

PAI — Isso não está certo.

Silêncio.

LUKÉNIA — Tio, onde é que trabalhas amanhã? (*Lutuima dá-lhe um olhar de desaprovação*)

PAI — Vai depender, onde me escalarem eu vou. Ordens superiores... (*Quase sussurrando*) Ordem daquele menino que chegou e já manda nos mais velhos.... Algum problema, filha?

LUTUIMA — Não há problema nenhum.

LUKÉNIA — Na verdade há um incomodo entre nós! A Lutuima...

LUTUIMA — Não é um problema, estamos bem!

MÃE (*em repreensão*) — Lutuima!

PAI — Se não há problemas, tudo bem. Vocês são adultas!

MÃE — Deixa então a miúda terminar de falar! Não é assim, amor? Senão não há entendimento, mano polícia!

PAI (*Aquiescente, olha para a sobrinha*) — Tudo bem, qual é o problema?

LUKÉNIA — A Lutuima está menstruada e não há absorvente nas lojas! Então queríamos que o tio...

PAI (*interrompe, enojado e irritado*) — Pelo menos me deixavam terminar de comer!

LUKÉNIA — Era apenas para saber se o tio pode ir noutras lojas fora do distrito.

PAI (*Olha para a mulher*) Não podes fazer isso?

MÃE — E arriscar ser presa?

LUTUIMA (*arrependida, culpada*) — Pai, não precisa se preocupar, está tudo bem!

O pai concorda com a cabeça.

MÃE — Não, não está tudo bem. Somos uma família, temos de nos ajudar. A praça fechou, os teus colegas estão a usar a violência contra os cidadãos, o que vamos fazer? Nem água suficiente temos! O que vamos fazer?

PAI — Não se esqueça do conselho do médico, mulher. A tua pressão vai subir. Não diz que não avisei.

LUKÉNIA — Tio, a Lutuima precisa de absorventes. É urgente.

PAI — Urgente? Desde quando isso é uma urgência?

MÃE — É uma *emergência*.

PAI (*Sorrindo*) — Não me façam rir (*Para de rir ao notar os rostos sérios delas*)

Silêncio.

PAI (*dirigindo-se à Lutuima*) — Tá difícil?

LUTUIMA — Não percebi, pai.

PAI — Os dias, estão difíceis?

LUTUIMA — Quais dias, pai? O confinamento? O isolamento social?... Um pouco, na verdade sinto falta da escola! Não quero repetir o ano.

PAI (*Suspira e olha para Lutuima*) — Me refiro ao problema que tens. Essa coisa das mulheres. A Lukénia acabou de dizer que entraste *naqueles dias*.

LUTUIMA — Ahm, quer dizer, o sangue a escorrer pernas abaixo? Não, tá tudo bem. Não é um problema. Só sangue, sangramento. Sangue.

PAI (*repreensivo*) Lutuima!

LUTUIMA — Não estou *naqueles dias*, pai.

PAI — Não? Mas agorinha a Lukénia disse que...

LUTUIMA — Estou de menstruação pai, *menstruação*.

PAI — Lutuima, estou sem paciência para estas brincadeiras!

LUKÉNIA — O tio diz *naqueles dias* como se o período fosse uma coisa estranha! Somos orientadas a não tolerar isso!

PAI — *Orientadas*? Por quem? É isso que vocês aprendem na escola? O governo tem que ver isso!... Todo mundo diz *naqueles dias*.

LUTUIMA — Pai!

MÃE — Diz-se menstruação Jorge. Ciclo menstrual, menstruação, período. Por favor, entenda as meninas! Elas não podem mais tolerar isso, simples. É a nova geração...que agora tem seu modo de agir e se guiar, é só respeitar... *Coisa das mulheres*! Essa expressão constitui um tabu, sabias?

PAI — Tabu? Mas qual é o mal de dizer *naqueles dias*, muitas pessoas dizem *naqueles dias*, até mulheres! Meu colega diz *mar vermelho*, teu pai... você mesmo (*Aponta para a Lukénia*) teu pai chama de dias do *Tiranossauro Rex*, ele diz isso, minha esposa se transformou num *Tiranossauro Rex*... ninguém nunca reclamou. Qual é o vosso problema? Estão em guerra comigo? (*Cerra os punhos em gesto de luta*)

LUKÉNIA — O papá não diz isso na minha frente. Ele sabe que eu não tolero.

MÃE — (*Irônica*) Vocês polícias estão muito violentos, é a pandemia? (*Séria*) Diz-se menstruação Jorge. O facto de algumas mulheres tolerarem esses termos, não os torna certos! E só porque outros usam termos mais estranhos como *Tiranossauro Rex*, seja lá o que isso quer dizer, não significa que tens que seguir os mesmos passos. Respeita as tuas filhas... (*Silêncio curto, tenta mudar de assunto*) Não vais tocar no molho de tomate? Fiz molho porque você sempre reclama da salada! (*Coloca a tigela do molho mais perto dele*)

PAI (*olha para o molho, enojado*) — Hoje, vocês têm alguma coisa contra mim! Obrigado Teresa, não quero o molho de tomate. Aliás, perdi o apetite.

LUKÉNIA — Não temos nada contra, tio. Queremos apenas saber se o tio pode procurar absorvente para ajudar a atenuar o sangramento.

LUTUIMA — Pai se não der não preci...

PAI (*Chateado*) — Chega! (*Se levanta*) Vou à casa da vizinha Domingas saber sobre a situação do Kalunga.

O pai sai.

CENA 8

MÃE — Pessoa difícil. *Naqueles dias (Desdenha)*

LUTUIMA (*para a Lukénia*) — Eu te avisei que não era uma boa ideia.

LUKÉNIA — Não conseguem ir comprar um simples pacote de absorvente? Absorvente. Só absorvente. Os homens são os principais fomentadores dos tabus sobre a menstruação!

MÃE — Descansem! Deixem para cada dia o seu próprio mal. Vão descansar, vão. O dia foi longo.

Lutuima e Lukénia saem.

CENA 9

MÃE (*Lamenta*) — Essa pandemia da china... é desta forma que vamos morrer? Estava tudo bem, o mundo estava normal. De repente... coronavírus aqui coronavírus aí... E o governo, pra mostrar que está a trabalhar, *fecha tudo!* Tudo!... Nem querem saber se precisamos trabalhar pra comer, nem querem saber das vendedoras, nem querem saber das quitandeiras! É assim que vamos morrer?... (*pausa, respira, suspira e fica uns segundos em silêncio*) É... é assim que vamos morrer! Por causa de alguns chineses que comeram pangolinho, se é pangolinho se é o quê! (*Silêncio*). O mercado está fechado, sem condições de higiene, nem sei se vai voltar a abrir, salário do Jorge vai na renda da casa. Vamos comprar comida ou absorvente? E essa miúda que ficou toda chata desde que começou a estudar os direitos das mulheres e os feminismos, toda rabugenta, só quer fazer as coisas do jeito que se deve. (*Relaxa e suspira*) Tem razão minha bebé, o objectivo é evoluir e melhorar, viver diferente do modo como vivi...viver dignamente... viver com dignidade...mas como fazer se o dinheiro não ajuda? Como dar a dignidade que

as meninas merecem, como dar a dignidade sem ter os meios de comprar essa dignidade? Como comprar dignidade sem dinheiro, sem poder? Como criar as condições? Vou fazer como? Essa vida do pobre até quando? ...Até quando Deus?... *(As luzes se apagam)*

SEGUNDO ACTO

Quarto do casal. Há uma cama, mesinha-de-cabeceira, uma cómoda com um espelho e uma cadeira de frente ao espelho. Há um abajur ligado sobre a mesa-de-cabeceira

CENA 1

No quarto, a mãe, vestindo um vestido de noite e com toca na cabeça. De frente ao espelho vai colocando creme no rosto. Cantarola uma música.

CENA 2

Entra o marido. Com uma tigela com comida, a comer.

MÃE *(Se vira para ele)* — Como está a vizinha?

PAI — Mal... o miúdo não voltou pra casa. *(Senta-se na beira da cama)*

MÃE — Nem com a multa?

PAI — Não pagaram a multa. Vizinha Minga foi à esquadra, chorou, se atirou no chão, xinguilou¹. Nada, não deixaram o miúdo sair. Não por não pagarem a multa, mas por culpa dos irmãos que fizeram confusão com os polícias.

MÃE — E assim fica como?

PAI — Vai passar lá a noite! Sai amanhã ao meio dia.

MÃE — Se não parar de andar à-toa, é porque não aprende mais.

PAI — Nem sempre a prisão muda a pessoa para melhor! Às vezes a pessoa piora, fica mais rebelde.

Silêncio.

MÃE — Como ficamos sobre aquele assunto?

PAI — Qual assunto?

MÃE — Não estavas à mesa quando as crianças fizeram os apelos? Quando pediram socorro?

¹ Do verbo **xinguilar**; Entrar em transe.

PAI — Crianças? Teresa, elas são maiores de idade. Sabem se cuidar. Vou trabalhar amanhã! Vou deixar o trabalho para procurar absorventes? Se queres me castigar, inventa outro castigo. E não tenho dinheiro, não vou gastar dinheiro assim, quando temos comida para comprar... Isso é certo?

MÃE (*Se levanta*) — Não podes fazer isso para o bem da tua própria filha? Não podes ajudar a *tua* filha na aflição?

PAI — Teresa, vamos mudar de assunto.

MÃE — Hoje ela mexeu na reserva e saiu para procurar absorvente. Ouviste o que aconteceu com o Kalunga, os teus próprios colegas levaram um deficiente pra cadeia, alguém que anda de muletas e é corcunda. Só por sair de casa! Queres mesmo que ela volte a sair amanhã?

PAI — Não foi *só por sair de casa*, ele também estava sem máscara e disseram que ontem já lhe tinham dado um aviso, ignorou o aviso. (*Suspiro*) Não dá para fazer alguma coisa? Não tem outro jeito?

MÃE — Outro jeito de fazer o quê?

PAI — De lidar com essa coisa.

MÃE — Que coisa?

PAI — Ah, Teresa vou dormir. (*Pousa a tigela na cómoda, retira a camisa e tenta subir na cama*)

MÃE — A tigela vai ficar aí? (*Aponta para a tigela*) Queres convidar os ratos?

PAI — É só uma tigela, porra! (*Muxoxo*)

Ela encara o marido, séria. O marido pega a tigela, e resignado, sai levando a tigela.

CENA 3

Teresa começa a endireitar as almofadas e os lençóis para se deitar.

MÃE (*imitando o marido*) — Vou trabalhar amanhã! Vou deixar o trabalho para procurar absorventes?... *Como é que uma pessoa consegue ser tão tradicional?...* Teresa vamos mudar de assunto. Não dá para fazer alguma coisa? Não tem outro jeito de lidar com *essa coisa*? (*neste momento o marido entra, encontrando ela a fazer a imitação*)

CENA 4

PAI — Achas que és muito engraçada, não é?

MÃE (*Rindo, se aproxima dele*) — Eu só quero o bem para a nossa filha, Jorge. Nossa bebé. Satisfazer as necessidades dela. (*Coloca as mãos sobre os ombros dele, um quase abraço*)

PAI — A tua bebé já é bem grande e sabe se cuidar. É melhor começar a se preparar para quando ela sair de casa, essas quando arranjam marido, esquecem dos pais!

MÃE — Ela ainda estuda, não vai me abandonar tão cedo...

PAI — Tomara!

MAE — Mas então? Vais resolver o problema ou não?

PAI — Qual problema?

MÃE — Jorge!

PAI — Ela mesma disse que não há problema nenhum.

MÃE — Porque ela sabe que és teimoso. Ela nunca conversa sobre essas coisas contigo. Por seres assim.

PAI — Assim como?

MÃE — Assim... preconceituoso.

PAI — Não sou preconceituoso!

MÃE — Então é medo. No fundo és medroso!

PAI — Medo? (*Se desfaz dela*) Achas que sou o tipo de pessoa que sente medo? No dia que fui à recruta, perdi essa capacidade, Teresa! Vou ter medo dessas coisas, eu? Nem medo do presidente eu tenho, ouviste?

MÃE — Então o que é isso? Não consegues conversar sobre a menstruação da tua própria filha! Ela menstrua desde os treze anos. Ela sangra, desde os treze anos, todos os meses. Achas que é fácil?

PAI — Vamos dormir. Posso apagar a luz?

MÃE (*Alterada*) — Não estás a me prestar atenção, Jorge!

PAI — Estou cansado Teresa. Tenho que trabalhar amanhã.

MÃE — Estás a dizer isso porque eu não estou a trabalhar? Porque o mercado fechou? Porque não meto comida na mesa?

PAI (*Suspira*) — Estou a dizer isso porque tenho que trabalhar amanhã, só isso.

MÃE — E não te importas de deixar a tua filha aqui, sangrando sem as condições básicas de higiene? Irás trabalhar de consciência limpa mesmo sabendo que ela estará a mergulhar no próprio sangue?

PAI — Não exagera, Teresa!

MÃE — Irias trabalhar se estivesses a sangrar nas partes íntimas, sem ter nada com que estancar o sangramento? (*Ele não responde*). Me responde Jorge. Irias à rua com o sangue a descer? Se fosse você no lugar dela, achas que eu teria vergonha de ir comprar absorvente pra ti?

PAI — Teresa, tomaste a medicação hoje? Tomaste os comprimidos?

MÃE — Não muda de assunto! Diz, se fosse eu, terias vergonha de ir comprar absorvente pra mim? Terias? Me deixarias a banhar em sangue, me deixarias me afogar no meu sangue, sem água suficiente e

sem absorvente? A tua farda é tão importante assim que se te virem com uma embalagem de absorventes na mão, perdes toda a autoridade?

PAI (*Olha atentamente para ela, muito sério*) — Teresa!

MÃE — Sabes o quê que ela perguntou hoje? Ela perguntou...e se a escola não estivesse fechada? Imagina se tivesse que andar uma longa distância? Ou então ir tratar um documento?...Já imaginaste Jorge? Ficar na fila do bilhete enquanto estás de menstruação? Ficar em pé durante horas, imaginas? Ou ir à escola a sangrar...já pensaste nisso? Como podes ser tão insensível Jorge? Ela é tua filha! Ela precisa. É uma necessidade básica que lhe estás a negar. Como o alimento. É vergonhoso deixar o filho passar fome Jorge, é vergonhoso não suprir as necessidades dos filhos. Se não fizeres alguma coisa, podes esquecer que sou tua mulher! (*Ela sobe na cama e se cobre*)

PAI (*Desliga o abajur*) — Boa noite Teresa!

MÃE — Vai à merda Jorge!

PAI (*Sarcástico*) — Teu deus está a te ouvir. Você cuidado, Teresa! Cuidado, deus é rancoroso!

As luzes se apagam

TERCEIRO ACTO

Hora do jantar. As três à mesa. Sentadas como na noite anterior. Lukénia veste-se de modo mais feminino e elegante desta vez.

CENA 1

MÃE — Quem fez o funje?

Lutuima aponta para a Lukénia

LUKÉNIA — Fui eu tia!

MÃE — Está com muito bom aspecto!

LUKÉNIA — Muito obrigada, tia!

LUTUIMA — Eu ajudei.

LUKÉNIA — Só ligaste o fogão quando pedi, isso não conta como cozinhar.

LUTUIMA — Fazer bem o funje não te torna nenhuma especialista na gastronomia. Te falta muito!

LUKÉNIA — Lutuima, teu feitiço é grande! Isso não é inveja, é *feitiço*!

O pai entra.

CENA 2

PAI (*Remove a máscara*) — Boa noite. Que cheiro bom! Posso banhar depois de comer?

LUKÉNIA — Não é saudável tomar banho logo depois das refeições!

PAI — Já passei por muita coisa filha, não é água que vai me matar.

LUTUIMA — O vírus pai. Precisa ser esfregado para fora, com água e sabão.

PAI (*tentando soar engraçado*) — Mas existe mesmo, esse tal vírus?

LUKÉNIA — O coronavírus é real, tio.

MÃE — (*Séria, chateada*) — Se não existe então por que vocês ficam a bater nos cidadãos por saírem e não usarem máscara? É só vontade mesmo? É o treinamento que receberam na *recruta*?

PAI (*Perde sua cara de bom humor*) — Não batemos nos cidadãos. Aconselhamos a voltarem aos seus lares, passamos multas! Advertimos... Algumas vezes, aplicamos medidas coercivas...*São medidas coercivas...* e são aplicadas apenas como último recurso. Somente.... Vou tomar banho.

O pai sai

CENA 3

LUKÉNIA — Hoje foi um dia e tanto, quase lutamos com o moço da cisterna!

MÃE (*Sorrindo, mas preocupada*) — Vocês, não me arranjam mais problemas.

LUTUIMA — Pensei que era para enchermos todos os recipientes. Coitado do moço, só estava a fazer o trabalho dele.

LUKÉNIA — Quando ele rejeitou com toda a voz que tinha, olhei bem no fundo dos olhos dele e lhe disse; *onde você me encontrar, me foge!* Tinhas que ver tia, o miúdo ficou a tremer.

MÃE — Lukénia, não se arranja problema minha filha. Esses moços já andam frustrados com a vida. Só estão à procura de um inocente para descarregarem a frustração. Cuidado!

LUTUIMA (*Para Lukénia*) — Não exagera, o moço nem levou a sério. Ficou a rir à-toa, tipo que viu dinheiro. Mas quando as mães vieram agir, os moços tremeram. (*Para a mãe*) Não deu certo mãe, a água agora é um líquido raro.

MÃE — Coitados, também só fazem o que lhes mandam, e agora eles é quem pagam. Há dois anos que não sai água, agora dependemos das cisternas. As coisas ainda vão piorar se os casos subirem. Vamos morrer, nós!

LUTUIMA — Não vamos morrer, mãe. Temos que ser optimistas.

LUKÉNIA — Não quero ser enterrada cá em Luanda. Se eu morrer, transladem meu corpo pro Huambo, por favor!... Tia, eu imploro, não me enterrem neste lugar quente demais, pode ser que Luanda seja a porta do inferno!

MÃE (*Sorridente*) — Tens medo de ir ao inferno? Não vais ao inferno!

LUTUIMA — Eu não teria tanta certeza, mãe. Lukénia é adulta. Ser adulto é um pré-requisito pra ir ao inferno, fazer papel de lenha.

LUKÉNIA — Tia, suponhamos que eu vá pro inferno, há alguma probabilidade de realizar meus objectivos lá, ou seja, abrir minha loja no inferno?

MÃE — Não sei, nunca lá fui.

LUTUIMA — Terás que morrer para descobrir. Mas o que é que venderias na tua loja do inferno?

LUKÉNIA — Muita coisa! Gelado de múcua, água fresca, *salada fria*, gelo em cubo, cerveja, chuveiros, piscinas portáteis, ventoinha...tem muita coisa para se vender!

MÃE — Falando em vender, Lutuima, acho que vamos pôr uma bancada no portão. Senão tá mal.

LUTUIMA — Para vender o quê?

MÃE — Frutas e verduras, está a sair muitas verduras.

LUTUIMA — De vendedora de roupa para vendedora de verduras?

MÃE — Tens uma ideia melhor?

LUTUIMA — Não

Silêncio. O pai entra.

CENA 4

PAI (*Senta-se*) — Já voltei, nenhum vírus habita o meu corpo, portanto... vamos manjar!

Começam a servir.

MÃE — Como foi o dia?

PAI — Bom, não muito produtivo. Hoje os rebeldes saíram pouco.

LUKÉNIA — Tio, quando acabar o estado de emergência, o que é que acontece?

PAI — É provável que seja prorrogado, as coisas não estão bem.

MÃE — É o nosso fim.

PAI — Optimismo, mulher! Optimismo... Como foi o vosso dia?

MÃE — Quente, muito quente.

PAI — O sol hoje veio com força.

LUKÉNIA — Houve uma maka por causa da água. Todos estão a reclamar que a água já não chega, os que têm tanques subiram os preços, e a água de graça, só serve para algumas horas, porque são poucas cisternas.

PAI — Essas cisternas não vão resolver o problema da água. Eu avisei, não me ouviram.

MÃE — E isso é só agora, depois vão desviar as próprias cisternas, esse país já está viciado.

LUTUIMA — Se assim for, amanhã terá luta de verdade, se hoje só se pegaram nos colares, amanhã é luta grande.

PAI — Houve luta?

LUKÉNIA — Quase! Quase espancávamos os moços das cisternas.

PAI — Quando estiverem a criar confusão, vocês saem de lá, perceberam? Filhas minhas não criam esse tipo de confusão. Se possível não vão mais lá.

MÃE — E vamos cozinhar com o quê? Lavar a loiça, limpar a casa, tomar banho... se não forem lá, onde vamos tirar água Jorge? Sabes quanto está a custar uma banheira d'água nos tanques?

Silêncio.

PAI — Tá bom, podem ir mas no primeiro sinal de confusão, voltem.

LUTUIMA — Hoje a Lukénia quis lutar!

PAI (*Desapontado*) — Filha!

LUKÉNIA — É mentira tio!

MÃE — Sem água, sem dinheiro, sem mercado aberto. É o fim do mundo.

PAI — Mas falta o quê para abrirem o mercado?

LUTUIMA — Melhores condições sanitárias, foi o que o administrador do bairro disse. Eu nem sabia que nosso bairro tinha um administrador e uma comissão de moradores. Só descobri hoje.

MÃE — É o fim do mundo isso. Fim do mundo.

PAI — Teresa, mais optimismo! Mais optimismo.

MÃE — Mais optimismo, Jorge? Tudo bem então, me diz como vamos aguentar os próximos dois meses se o salário deles já tem dono?

PAI (*Dirige-se às meninas para mudar o clima*) — Tirando a confusão da água, como foi o dia?

LUTUIMA — Normal, se bem que nada agora é normal. Mas foi normal. Notícias sobre mortes e aumento de casos noutras partes do mundo. Um engarrafamento de pessoas nas redes sociais, *fake news* e coisas assim.

PAI — E a Lukénia?

LUKÉNIA — O mesmo!

PAI (*Para a Lutuima*) — E como estás?

LUTUIMA (*Hesitante*) — Bem, estou bem.

PAI — Melhor que ontem? O incómodo já passou?

MÃE — Ontem foi o primeiro dia, como assim já passou?

PAI — Teresa, estou a conversar com a Lutuima.

LUTUIMA — Não precisamos falar disso, pai. Não te sintas obrigado.

PAI — Eu quero, quero falar disso.

MÃE — Hoje queres falar disso? O que é que te deu?

LUKÉNIA — E o apetite, tio? Não vai estragar o apetite novamente?

PAI — Eu então... (*sorri*) não me vê só assim minha filha, eu sou forte... eu? Sabes, quando dizem, *esse gajo é duro*... estão a falar de mim.... Eu que fiquei *seis dias*, não são horas, *seis dias* sem beber água... não brinca.

MÃE — Não vimos essa força ontem... Tombaste por causa do molho de tomate... *vocês têm alguma coisa contra mim! Obrigado Teresa, não quero o molho de tomate. Aliás, perdi o apetite. (imita o marido)*

PAI — Eu não falo assim!

MÃE — *Chega! Vou à casa da vizinha Domingas saber sobre a situação do Kalunga.*

PAI — Tudo bem, foi o molho, fui pego de surpresa. Mas hoje estou preparado. (*Esfrega as mãos*).
Vamos a isso, eu aguento!

LUTUIMA — Por onde começo?

PAI — Da parte que contas se são quantos dias.

MÃE — Jorge, queres mesmo ouvir isso?

PAI — Quero, fica calma, mulher. Falando em calma, tomaste os comprimidos?

MÃE — Tomei.

PAI — Todos? Os da ansiedade também?

MÃE (*Altera a voz*) — Eu não sou louca Jorge!

PAI (*Para as meninas*) — Ela tomou?

Lutuima e Lukénia encolhem os ombros.

MÃE — Estão a duvidar de mim? Acham que sou louca?

LUTUIMA — São só comprimidos para ansiedade mãe, ninguém disse que és louca.

PAI — Deixa, depois eu converso com a *minha esposa*, vamos ao nosso assunto.

LUTUIMA — São quatro dias. Quatro dias de sangue e dor. E má disposição e vontade de não ir à escola, porque... porque simplesmente ninguém quer dar a perceber que temos uma fonte de sangue aberta, um chafariz que jorra sangue. Um sangue que não tem nada de errado, mas mete medo nas pessoas. Sangue que se não for estancado desce pelas pernas, suja a roupa e causa um embaraço do caraças.

Silêncio

MÃE — Não vais falar nada?

PAI — Estou a processar.

LUTUIMA — E tem vezes que antes de o sangue começar a jorrar, há um aviso. A famosa tensão pré-menstrual, vontade de comer doces, as vezes salgados. Irritação, ansiedade, vontade de ficar sozinha.

LUKÉNIA — Pra mim, irritação e choro... posso ser bem forte noutros dias, mas nos meus dias do período, choro à-toa, não me reconheço.

LUTUIMA — E ainda tem vezes que você não sabe como vai fazer porque ficaste um pouco esquecida com aquele trabalho da faculdade que nem sabias que não há absorvente.

LUKÉNIA — Ou quando não há dinheiro para comprar absorvente, e tens que inventar o próprio absorvente.

MÃE — Ou quando comprar absorvente ainda é um luxo inalcançável. (*Lukénia e Lutuima olham para ela.*) ... O que foi? Não sabem que absorvente é coisa moderna? Actualmente nem todas as meninas têm acesso à absorvente, muitas meninas, muitas mesmo, são pobres demais para se dar esse luxo. Vocês têm sorte de terem absorventes. Não aprendem isso em história?

LUTUIMA — Não mãe, a história fala mais sobre a guerra, rei Mandume, essas coisas..., mas em fim... ou quando o absorvente ainda é um luxo inalcançável... a pessoa tem que desenrascar...ou a pessoa desenrasca ou não vai à escola, ou desenrasca ou não faz a avaliação, ou desenrasca ou não sai de casa. Ou desenrasca ou *morre*, é preciso tomar uma decisão

LUKÉNIA — Muitas decisões, qual saia iria esconder melhor o sangue? Mas não seria melhor usar uma calça? Não, já fiz plano de usar aquela saia branca... e outras decisões...vou usar o quê para absorver o sangue...ai meu senhor, e meu sangue que sai como água no primeiro dia, e meu sangue que é vermelho forte...o que vou fazer... *Ôh nãooooo.*

LUTUIMA — Absorvente de tecido? Qual tecido, qual tecido vai absorver o sangue durante a avaliação de matemática? Será que terei que pedir para ir ao quarto de banho para trocar o absorvente? O professor Katersa vai deixar? Ou será que terei que explicar ao professor que estou menstruada?

LUKÉNIA — Terás que explicar ao professor, sim minha querida...terás que ser forte. Mas eu não explicaria ao professor, orque ele não entende.

LUTUIMA — *Ôh nãooooo*... O professor não vai entender, ou vai?

LUKÉNIA — Não, não vai, porque os homens não entendem, entendem?

MÃE — Não, não entendem. Eles não entendem, eles têm nojo, nojo... os homens, os homens, *Deus os homens não entendem.*

LUKÉNIA — *Ôh nãooooo*...O que eu vou fazer? Sem absorvente, sem água suficiente. O que vou fazer...Pânico. Pânico, alerta de pânico. Não vou à escola fazer a avaliação de matemática.... É isso, não vou!

LUTUIMA — A mãe vai perguntar, o pai... ai, o pai vai me ralhar... o pai vai me gritar, o pai vai me gritar, o pai vai me bater se eu não fizer a avaliação...o pai... qual a mentira que vou contar pro pai...?

LUKÉNIA — Ôh nãooooo... o pai. Ele é homem, os homens, os homens... o que eu faço, e agora?

MÃE (*se junta à brincadeira*) — E agora? Os homens...Não, não entendem, os homens não entendem, eles têm nojo, nojo... os homens, *Deus os homens não entendem. Ôh não.*

MÃE, LUTUIMA, LUKÉNIA — Ôh nãooooo!

PAI — Vocês estão a ser preconceituosas!

LUTUIMA — Ainda não terminei pai. Então, a única solução é ir fazer a avaliação, porque se eu faltar, o pai vai me bater, e vai dizer, *só estudas a nona classe e já tens este comportamento? Uma criança de catorze anos? Porra, pá. Que brincadeira é essa? Teresa, conversa com a tua filha. (Imita o pai)*

LUKÉNIA — Então eu vou à escola, me sento no fundo. Com medo, com vergonha. Sentindo-me completamente suja, porque o sangue sai aos montes, porque o sangue tem cor forte, me sinto estranha, me sinto imunda, sinto inveja das outras meninas que ainda não menstruam...Faço a prova com bastante ansiedade e saio da sala dizendo que já terminei, mas a verdade é que o sangue ameaça transbordar e mesmo com a cuequinha e o absorvente improvisado e a calça, o sangue ainda pode espreitar, por isso levo uma blusa de emergência, de mangas compridas, para amarrar à cintura quando as coisas ficarem estranhas.

LUTUIMA — E quando saio da sala vou ao quarto de banho, *aquele quarto de banho imundo*. Vejo como estão as condições lá em baixo para saber se consigo chegar à casa sã e salva, se não estiverem, então vou ter que me salvar com o papel higiénico.

MÃE — E as outras aulas, as avaliações não interrompem as aulas...

LUKÉNIA — Outra aula? Assistir outra aula? Nem pensar! Não, não... vou mas é correr pra casa, tomar um banho de pouca água, porque se eu gastar muita água, a mãe grita, e o pai também, o dinheiro fugiu, vou banhar só já duns coro e me trancar no quarto... assistir outra aula? Nem que o diabo me obrigar!

MÃE — Mas há esperança, amanhã é outro dia.

LUTUIMA — Outro dia? Ah sim, é verdade, amanhã é *o segundo dia*, o sangue vai continuar...amanhã o sangue vai jorrar do chafariz... o sangue vai me deixar ansiosa e triste.

LUKÉNIA — Preciso de absorvente, urgente, urgente. Vou assaltar a farmácia. Tenho que arranjar uma forma de assaltar a farmácia.

PAI — Não exagera!

LUTUIMA — Amanhã não vou à escola, pronto. Fica assim, minto que estou doente. Minto que a cabeça dói. Só que assim eles vão me dar paracetamol.

LUKÉNIA — Pronto, finjo que engoli o paracetamol, depois cuspo! Amanhã não vou à escola. Vou esperar os sete dias de menstruação acabarem.

PAI — Sete dias? (*Engasgado, tosse*)

MÃE — Pensaste que todas as mulheres fazem quatro dias? Umas fazem três, outras quatro, cinco, seis, sete dias. O que achas? A coisa das mulheres.... Interessante, não é?

PAI — Como é que uma pessoa vai faltar à escola durante uma semana?

LUTUIMA — Como é que uma menina sangra durante sete dias e sobrevive?

LUKÉNIA — Vou falar com o pai, não posso faltar durante sete dias!... Mas não, não posso...o pai não, por favor não. O pai não entende.

LUTUIMA — O pai? Não, nem pensar. Fora de cogitação. O pai vai dizer, ah, não tem outro jeito de lidar com essa *coisa das mulheres*? O pai vai dizer, *não deviam ao menos esperar eu terminar de comer para falarem de menstruação à mesa?*

LUKÉNIA — Não, não posso falar com o pai, ele vai dizer, *o quê? O mar vermelho abriu? É por isso que estás irritada? Então vou te deixar em paz, vou lá no Ambrósio ver o jogo.*

MÃE — Fala com o teu pai, filha. Estou sem dinheiro para comprar o absorvente.

LUTUIMA — É melhor falares com ele mãe, ele te entende.

MÃE — Me entende? Ele que se refere à minha menstruação como *o Tiranossauro Rex*? Achas que ele me entende?

LUKÉNIA — Não vai entender, porque os homens...os homens não entendem! Porque os homens estigmatizam a menstruação.

LUTUIMA — Meu período apareceu, o que faço? Não tenho dinheiro.

LUKÉNIA — Não há água suficiente, o que faço?

LUTUIMA — Tenho educação física amanhã, o que faço?

MÃE — Ôh nãooooo!

LUKÉNIA — Ôh nãooooooooooooooooooooo.

LUTUIMA — Meu período chegou, ôh não. MEU PERÍODO CHEGOU, O QUE FAÇO. Sem água, sem absorvente, o que faço?

MÃE, LUKÉNIA, LUTUIMA — Ôh nãooooooooo.

PAI — Perdi o apetite, vou lá no ambrósio ver o jogo...(*Silêncio*) Brincadeira!

LUKÉNIA — E vem a publicidade na TV, um absorvente bem sofisticado, testado ao vivo com um líquido azul. Quero muito esse absorvente, quero esse absorvente, quem vai me ajudar a comprar?

LUTUIMA — Acho que estou a sonhar. Eu nunca vou ter esse absorvente. Ai meu Deus, outra publicidade de absorvente...*absorvente interno*? Que fofo, será que dói? Talvez, mas o que adianta? Não tenho mesmo dinheiro para comprar!

PAI — Absorvente interno? Como é que se coloca?

MÃE — Mas ó Jorge?

PAI — Desculpa, continuem!

LUKÉNIA — Não tenho dinheiro pra comprar absorvente interno, e com esse meu fluxo, vou precisar trocar de três em três horas. Vamos só já viver.

MÃE — É aqui onde os conselhos, as experiencias e a ajuda da mãe fazem todo o sentido. Dão luz à vida da menina que recém-entrou na vida menstrual.

LUTUIMA — Menstruar é difícil. A menstruação em si não dói, o que dói é a desinformação. A falta de conhecimento que gera falta de cuidados apropriados.

LUKÉNIA — O que dói é estar inocente e com a inocência não saber como se cuidar direito. A falta de educação é perigosa, mas a má informação é pior.

MÃE — E má informação, mais falta de saneamento, mais falta de condições financeiras, gera uma pressão psicológicas que assusta e desestrutura o crescimento saudável, o autoconhecimento da menina.

LUTUIMA — Menstruar é difícil, não dói em si, mas dói quando a vergonha de sair de casa te atinge, dói quando mesmo ninguém vendo o sangue, você se sente borrada de sangue ao andar pelas ruas como se as pessoas tivessem óculos de raio X ou algo com o qual conseguissem ver o sangue.

LUKÉNIA — Menstruar é difícil, não porque é uma maldição, mas porque os *não-menstruadores* acham que é uma maldição. Os *não-menstruadores* acham que é uma coisa esquisita. Menstruar é difícil porque as pessoas que não menstruam, a consideram uma anomalia.

LUTUIMA — Menstruar é difícil porque para as pessoas que não menstruam, menstruar é estar *naqueles dias*, os *dias sangrentos*, o *filme de terror*, os *dias do Halloween sangrento lá embaixo*. Menstruar é difícil porque o estigma leva as meninas a esconderem a coisa até dos próprios pais.

LUKÉNIA — Menstruar é difícil porque não se pode deitar o absorvente na sanita e fazê-lo ir embora com água. Mas também dá um receio pôr o absorvente no cesto de lixo da casa de banho, você pensa... e se um rapaz encontrar, vai ver meu sangue? Vai me achar esquisita porque para eles, a menstruação é a porra toda de uma esquisitice para lá de anormal.

LUTUIMA — Menstruar em si, não dói, mas pode causar cólicas, contracções, as dores, as dores, as dores. Só que dói mais ainda cancelar os eventos quando a menstruação vem enfurecida.

MÃE — Menstruar é muito difícil quando ela te apanha desprevenida, quando a primeira menstruação aparece e você nunca ouviu nada útil sobre ela, como se te tivessem negado os factos, como uma prova surpresa numa disciplina que não temos nenhuma matéria.

LUKÉNIA — Menstruar é difícil porque aqueles que fazem as leis e governam o país, são maioritariamente *não-menstruadores*, eles não entendem.

PAI — Nem todos!

LUTUIMA — Menstruar é difícil, é difícil porque há meses que a salvação depende de um pacote de absorvente, mas ele não está disponível.

LUKÉNIA — Menstruar é difícil, porque vão te dizer, *já és mulher...cuidado!* Vão te dizer, *não anda descalça...* Mas porquê? Eles não explicam!

LUTUIMA — Menstruar é difícil porque se o absorvente não for bom, você fica com medo de levantar da cadeira e descobrir que deixaste uma *mancha* nela.

LUKÉNIA — Menstruar é difícil porque me dá cansaço.

MÃE — Menstruar é difícil porque estraga os meus dias.

LUTUIMA — Menstruar é difícil porque me sinto suja quando não me cuido direito e sinto vergonha e fico irritada com isso e fico chateada porque eu não gosto de ver sangue, mas vejo sangue todos os meses. Sei que é normal, só não é normal ser tão difícil. Menstruar não devia ser difícil.

LUKÉNIA — Não devia, não deve..., *mas é difícil*.

LUTUIMA — Menstruar só é difícil porque os homens não menstruam. Se menstruassem, tudo seria normal. Seria belo, teríamos folga no primeiro dia da menstruação, teríamos uma grande aceitação da coisa. Seria normal, assim como mijar em pé num poste de energia, é normal para os homens consumidores de cerveja. Menstruar seria fácil se eles menstruassem porque teríamos todo o apoio dos governantes, absorventes em grandes quantidades seriam distribuídos nas escolas, no autocarro, nas cadeias, nos internatos, nos comboios, nos quartos de banho de todos os estabelecimentos públicos, nos mercados informais... tudo de modo gratuito, os recrutas, os polícias, os militares, todos andariam com um pacote de absorvente nas suas mochilas. E os deputados teriam absorventes nas suas pastas de diplomatas para trocarem durante o intervalo das sessões plenárias. E cada partido político teria sua propaganda de distribuição de absorventes na época das eleições.

PAI — Lutuima, estás a ir muito longe.

MÃE — Disseste que aguentavas, Jorge. *Eu aguento...* A aula acabou, crianças. O pai tá magoado. Vamos organizar as coisas.

PAI — Esperem... (*Limpa a garganta*) Em nome da pátria, e dos meus camaradas homens, quero dizer que nós agora entendemos, ou seja, vamos nos esforçar para *começar* a entender. O que eu quero dizer é que eu peço desculpas pela noite de ontem. Não volta a acontecer.

MÃE — Deus deu-te uma visão hoje?

PAI — Não, quer dizer, quase isso.

LUTUIMA — Então o pai comprou os absorventes.

PAI — Não..., mas tentei. Fui à algumas farmácias e lojas, não encontrei absorvente. Mas o que me marcou foi que numa das farmácias, quando expliquei que os absorventes não eram para mim, mas para a minha filha, a moça sorriu para mim, mostrou todos os dentes da frente e disse em voz alta, *quem dera*

eu tivesse um pai como o senhor. E eu perguntei, um pai como eu? Porque? Ela disse, você sabe tio, os homens são uns fladasputas, só porque têm pénis pensam que as coisas intrinsecamente femininas são truques nojentos, ou que são só brincadeiras sem seriedade... havia raiva nos olhos e na voz dela.

LUKÉNIA — Se calhar tinha TPM.

PAI — Perguntei o porquê de estar com raiva, e ela disse que tinha combinado de sair com o namorado uma vez dessas, e no dia da saída, a menstruação lhe apareceu com garra, tanta garra e tanta dor que ela teve que tomar medicamento. Então, ligou ao chico para explicar a situação e reagendarem a saída, chico ficou furioso e gritou com ela, porque já tinha comprado os bilhetes e disse na cara dela, ou melhor, no ouvido dela, que iria com outra moça.

LUTUIMA — E o que o pai disse para ela?

PAI (*Coça a cabeça*) — Eu disse: Filha, nem todos os homens são iguais, assim como eu sempre respeitei as coisas intrinsecamente femininas, muitos outros rapazes sabem como respeitar a feminilidade e suas nuances. Mesmo quando nos parece estranho, respeitamos e ajudamos. Tenho a certeza que encontrarás um rapaz que vai te respeitar e até mesmo te ajudar nos dias da menstruação. Vai aparecer...ela agradeceu e quando saí da farmácia, coloquei meu chapéu de polícia na cabeça e as mãos no bolso das calças, enchi o peito de vaidade.

MÃE — Devias ter vergonha!

LUTUIMA — Isso é hipocrisia pai.

PAI — Não será mais. Amanhã vou encontrar o absorvente, acredita em mim! Vou girar Luanda inteira para comprar o absorvente, uma embalagem para cada uma.

MÃE — Espero que não seja da boca pra fora, Jorge. Espero mesmo.

LUKÉNIA — Vamos dar um voto de confiança, tia.

LUTUIMA — É mesmo um voto de confiança, quantos fingem que entendem e depois se aborrecem? Quantos dizem, *ah, que mal...tá de menstruação...coitadinha*. Mas são os mesmos que depois dizem, *hei, se estás de TPM culpa não é minha, não grita comigo!* Como se a pessoa só gritasse nos dias de TPM ou de menstruação. Vamos dar um voto de confiança, mas só um mesmo.

PAI — Obrigado. Missão dada, missão cumprida! Lutuima, peço desculpas por nunca, nunca mesmo ter acompanhado o teu crescimento neste ângulo. É pena que já crescestes tanto, mas ainda dá tempo... só não quero ser invasivo percebes? Invadir o teu território...aquilo que achares necessário falar só com a tua mãe, eu entendo. Mas as coisas que achares que eu posso ouvir e saber, podes contar pra mim, mesmo que estejamos à mesa, mesmo que a colher com molho de tomate esteja prestes a entrar na minha boca. *Eu aguento.*

LUTUIMA — Muito bom pai, muito bom mesmo. Então, que tal o pai passar a comprar sempre o absorvente?

PAI — Não abusa da bondade, Lutuima. Te dei a mão queres me cortar o braço?

MÃE — Os homens não entendem...(Sorri)... é brincadeira Jorge! Já estamos satisfeitas com a mudança que farás depois da *grande revelação* da farmacêutica, aos poucos. Sem pressa.

LUKÉNIA — As mudanças precisam ser feitas paulatinamente, tio. Se correres tropeças. Então para começar, seria bom esquecer alguns termos.

PAI — Sei, *naqueles dias, lua cheia*.

LUTUIMA — Mar-vermelho.

MÃE — Dias sangrentos.

PAI (*Sorrindo*) — *Tiranossauro Rex!*

LUKÉNIA — *Coisa das mulheres!*

PAI — Entendo. Agora eu entendo, não muito bem, mas entendo.

LUTUIMA — Já é um começo pai...

PAI — Eu sei amor, eu sei... (*imitando as mulheres*) Menstruar é difícil porque os homens não entendem... Ôh nãooooo...Menstruar é difícil porque dá vergonha de sair de casa...Ôh nãooooo...Os *não-menstruadores* acham que é uma maldição... Ôh nãooooo...As pessoas que não menstruam a consideram uma anomalia... Ôh nãooooo... Menstruar é difícil porque não se pode deitar o absorvente na sanita... Ôh nãoooo.... Menstruar é muito difícil quando ela te apanha desprevenida... Ôh nãooooo.... Menstruar é difícil porque os que fazem as leis e governam o país, são maioritariamente *não-menstruadores*... Ôh nãoooo.... Menstruar é difícil porque se o absorvente não for bom, você fica com medo de deixar uma *mancha* na cadeira...Ôh nãooooo.... Menstruar é difícil porque me dá cansaço. Ôh não.... Menstruar é difícil porque estraga os meus dias. Ôh não.... Menstruar é difícil porque me sinto suja. Ôh não.... Menstruar é difícil porque há meses que a salvação depende de um pacote de absorventes, mas ele **NÃO ESTÁ DISPONÍVEL**. Ôh nãooooo.... Menstruar só é difícil porque os homens não menstruam. Ôh nãooooooooooooooooooooooooooooo (*Faz um gesto desesperado como se estivesse a morrer*)

MÃE — Jorge tu és um péssimo imitador...Deus perdoa-lhe, ele não sabe o que faz.

LUTUIMA — Se isso fosse uma peça teatral, o pai seria demitido como actor!

A família cai na gargalhada enquanto a cena continua como se ainda estivessem a conversar, mas sem som. As falas já não são audíveis...e as cortinas se fecham.

FIM